



# Os quarenta anos da Faculdade de Educação da UFRGS

**Merion Campos Bordas  
Balduino Antonio Andreola**

**Balduino** – Professora Merion, foi com grande emoção que aceitei o convite feito pela Direção da Faculdade de Educação para escrever um texto comemorativo dos 40 anos da nossa querida FACED. Maior ainda é a minha emoção sabendo que aceitaste a proposta de escrevê-lo a quatro mãos, num diálogo virtual bem no estilo freireano de coautorias. Depois optamos pela entrevista, para a qual invadi tua sala de aula, com a cumplicidade prévia de tuas alunas. Dada a brevidade do tempo, não pudemos dialogar muito durante a entrevista. Procurei alternar, assim, ao longo do texto, minhas falas com as tuas, inserindo-me, às vezes, com alguns solilóquios meus. Se o prazo disponível não tivesse sido tão exíguo, poderíamos ter obtido preciosos depoimentos de outras ex-diretoras e outros ex-diretores. Fica este resgate mais amplo como sugestão, para um livro a muitas mãos. Não achas, Merion, que a FACED mereceria? O que não nos faltou foi uma vontade sincera de sermos fiéis aos fatos.

É evidente, Professora Merion, que este nosso diálogo começa marcado mais pelas razões do coração do que as acadêmico-científicas da própria razão. Eu tinha pensado em iniciar nossa conversa buscando alguns dados sobre os inícios históricos das faculdades de Educação em nosso país. Dediquei, assim, mais de duas horas a uma pesquisa bibliográfica exploratória, examinando os sumários de todos os livros de História da Educação e da Pedagogia no Brasil existentes na biblioteca do UNILASALLE. Foram mais de vinte, creio. Para espanto meu, não encontrei nenhum título nos sumários, nenhuma referência, em todos aqueles livros, relativamente aos inícios das faculdades de Educação. Uma lacuna inexplicável. Quando propus que o texto fosse a quatro mãos, não foi por mera cortesia, mas sim porque reconheço que dispões de condições muito mais favoráveis que as minhas para resgatar a história dos inícios. Eu me sinto ligado à Faculdade de Educação desde janeiro de 1975, quando ingressei no Mestrado em Educação. Tu estás na FACED desde o seu nascimento.

Nosso texto terá um caráter celebratório, mas fazendo também uma reflexão acadêmica sobre as contribuições da FACED para a Educação no nível local, estadual e mesmo nacional. Creio que podemos continuar assim nosso diálogo,

contemplando as duas dimensões, a celebratória e a reflexiva, sem dissociá-las. Tua memória pessoal e a documentação preciosa de que dispões trarão uma contribuição mais valiosa do que a minha para o resgate histórico dos inícios. Por isso, a palavra é tua, Merion.

**Merion** – A Faculdade de Educação foi criada 1970, num modelo que não teve nada a ver com a história anterior, sendo uma aplicação da Reforma Universitária de 1968, feita sob o Regime Militar. Tratou-se de uma criação que não era esperada naquele momento, uma reforma já pronta, no clima autoritário do Regime Militar. A Faculdade não existia. Existia o Departamento de Educação, ligado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, que concentrava todos os cursos da área, desde os cursos das áreas exatas de Física, Química e Matemática, como também a História, todos os cursos, enfim, que tinham licenciaturas. Era um regime diferente. O Departamento de Educação recebia esses alunos, para um ano de formação pedagógica, que passou a ser, a partir de 1970, na Faculdade de Educação. O primeiro Diretor da Faculdade foi o Professor Roberto Fachin. Ele não estava ligado ao Departamento de Educação. Foi escolhido, e veio dirigir a nova Faculdade, o que soou, para muitos de nós, professores, como uma intervenção. O curso de Pedagogia, que já existia, dentro do Departamento de Educação, na Faculdade de Filosofia, passou para a Faculdade de Educação, na qual foram então instituídos os três departamentos, sem quase nenhuma participação das pessoas, dos professores.

Desde o início foi assim, um pouco complicado, para que nos adaptássemos às novidades. Nós já estávamos nos adaptando desde 1964. Eu comecei na Universidade em 1965. Eu estava, nessa época, como professora do Colégio de Aplicação. Entrei como professora do Aplicação, no regime de quase voluntariado. É interessante lembrar que nossa ligação com Colégio se explica porque, naquela época, o Colégio era ligado ao Departamento de Educação. A diretora do Colégio era a Professora Graciema Pacheco. E os professores do Departamento, principalmente os professores da área de Didática, em geral, eram também professores do Colégio. Eu entrei convidada. Os professores entravam no Colégio de Aplicação como convidados. Eram alunos que, tendo terminado o curso, eram convidados pela Direção do Colégio, para fazerem um estágio de aperfeiçoamento de ensino. O Colégio era realmente um laboratório. Então, entramos em 1965 no Colégio, e em 1967 eu já estava trabalhando no Departamento também. 1965 foi um ano complicado. Tinha começado essa famosa “Revolução”, como chamavam na época. O Colégio também sofreu vários problemas com as censuras que foram crescendo. Eu era professora de Filosofia e depois também de Educação Física. Professor de Filosofia não podia mais ensinar. Nem Filosofia, nem Sociologia, nada disso. Comecei trabalhando primeiro com a prática de ensino de Filosofia, no Colégio, mas também como professora de *Didática* no Departamento de Educação. Quando começou a Faculdade, atuei depois como professora de *Didática* e de *Prática de Ensino*.

Esse início foi bastante discutido, até por conta das próprias divisões dos departamentos. Havia uma divisão que se conserva até hoje, sem nenhum sentido válido, porque na verdade é absurda. As coisas são, hoje, em termos de grupo, muito mais interdisciplinares. Algumas universidades já fizeram mudanças; inclusive, quando se discutiu no CONSUN, durante dois anos, a Reforma de Estatutos, que acabou saindo em 1996, eu tinha levado a ideia de mudarmos a situação e acabarmos com os departamentos. Quase acabaram comigo. Nessa época eu era Pró-reitora de Graduação e sabia quais eram os problemas sérios dos departamentos.

**Balduino** – Merion, ao escrever antes da entrevista contigo, eu tinha questionado os departamentos, a partir da minha experiência como professor e como diretor. Impressionou-me muito constatar que tu os questionas a partir das origens da Faculdade, pensada e instituída no bojo da reforma de 68, durante o Regime Militar. Para além de meus olhares prazerosamente amorosos sobre a Faculdade de Educação, eu me permiti alguns questionamentos críticos, começando pelas estruturas da FACED. Dois aspectos me preocuparam sempre: os departamentos em que a Faculdade se “divide” e os paralelismos. A divisão em departamentos é dos tempos da Ditadura, como bem lembraste, e ao longo de quatro décadas nunca foi reformulada. A variedade e a complexidade crescentes que se apresentam como desafio para a Educação não deveriam levar-nos a rever essas divisões? Já em 17 de dezembro de 1992, no Of. Circ. nº 20/92-FACED, no qual eu fazia uma prestação sucinta de contas, eu questionava os departamentos, num tom de convite à discussão, nestes termos:

A estrutura dos departamentos em nossa Faculdade tem ainda algum sentido? Se a resposta for positiva, não caberia discutir se a composição atual ainda se justifica? Muita coisa mudou. Novas áreas de conhecimento e de ação passaram a ser priorizadas, sem que tenham o devido suporte na estrutura atual de nossos três departamentos. Muitas coisas importantes aconteceram ou estão acontecendo em nossa Faculdade, através de grupos interdisciplinares e interdepartamentais. Se os departamentos desaparecessem ou se recompu- sessem, o que aconteceria, de positivo ou de negativo? Qual é, afinal, a identidade dos nossos departamentos? Administrativamente, não estariam superados, como um anacronismo da reforma de 1968? Como áreas de conhecimento, não poderiam ser comparados a uma pensão, que abriga disciplinas as mais diversas, sem apresentar uma definição e uma unidade sob os ângulos epistemológico e político?

As mudanças rápidas e numerosas que vão se sucedendo não deveriam levar-nos a repensar as estruturas de uma instituição? Embora não sejam muitos meus contatos com a FACED, vejo hoje com emoção um mundo de novas frentes, ou de novas fronteiras sendo transpostas: alfabetização e Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial, Educação a Distância, Educação do Campo, Educação Indígena, Pluriculturalismo, particularmente a cultura afro-brasi-

leira, as questões de gênero, o problema da violência, projetos da maior importância de inclusão, com crianças, jovens e adultos moradores de rua. No meu tempo de Diretor, fui procurado, certo dia, por um representante da APAE, buscando uma colaboração, alguma parceria da FACED. Melancolicamente, tive que constatar que não havia ninguém trabalhando com estes problemas na Faculdade. Depois vieram o Carlos Skliar e o saudoso Hugo Bayer. Agora há uma equipe altamente gabaritada. E não posso esquecer o NIETE – O Núcleo Interdisciplinar de Estudos Transdisciplinares de Espiritualidade –, que me convida a trazer uma citação que o grande intelectual e político francês Roger Garaudy faz de outro intelectual não menos importante do que ele, André Malraux, concluindo seu livro *Rumo a uma Guerra Santa? – O debate do século* (1995, p. 159): “O século XXI será espiritual ou não será”. Eu te interrompi, Merion, com estas minhas ponderações sobre os departamentos. Acho interessante, porém, que completes o resgate de outros aspectos importantes sobre a evolução da FACED nos seus inícios.

**Merion** – Naquele início, continuávamos com o curso de Pedagogia e com as licenciaturas. A fama do Departamento de Educação já não era muito boa na época. Alguns alunos escolhiam fazer o bacharelado, e depois mais um ano para ser licenciado. Olhando criticamente, talvez fosse até melhor assim, porque já que a maioria não faria outra coisa que ser professor, quase todos vinham e havia menos má-vontade. Na medida em que isso evoluiu, com a mudança das leis, e se decidi, lá nos anos 1970, que a formação pedagógica devia se fazer mais integrada, acredito que tenha se tornado mais difícil para os outros cursos aceitarem a presença obrigatória, nas licenciaturas, das disciplinas pedagógicas. Durante muitos anos a Faculdade de Educação, embora tivesse também professores homens, era conhecida como a Faculdade “das mulheres da Educação”. Esse estigma foi bem marcante e levou muito tempo para desaparecer. Na verdade, ser mulher era instigante. Eu gostaria também de assinalar que por meio da Faculdade de Educação, desde o início, e mesmo antes, com o Departamento de Educação, nós tínhamos bastante projeção no cenário da Educação do estado. Dona Graciema era uma pessoa muito importante, muito ouvida. A nossa origem, na verdade, tem muito a ver com o Instituto de Educação.

**Balduino** – A Professora Graciema e o Instituto de Educação não tinham a ver com Anísio Teixeira? A influência dele foi muito marcante, creio, não obstante a Ditadura. Mas junto com a Professora Graciema há outro nome importante a lembrar.

**Merion** – Exatamente, Balduino. Quanto à Professora Graciema, na questão epistemológica e ideológica, na verdade ela era uma pessoa conservadora, rígida, mas muito competente. Ela era uma adepta da Escola Nova. Tu tens razão de que, além dela, não podemos esquecer a Professora Isolda, distinguida com o título de Professora Emérita durante a gestão Gerhard Jacob. É justo lembrar que houve professores muito bons no Colégio de Aplicação. O Colégio foi excelente desde aquela época. Na verdade, a minha aprendizagem como

professora se deu muito através do Colégio, basicamente no meu contato com os alunos, do então Científico e do Clássico Laico. Quanto à presença da Faculdade de Educação no cenário educacional do estado, e também do país, um aspecto importante a lembrar é que na época existia, junto à Faculdade de Educação, o CPOE, uma espécie de extensão do INEP, criado pelo Anísio Teixeira, tendo sido ele também seu primeiro presidente. E nós tínhamos um centro de pesquisa, que veio para cá, para o Colégio. Nos primeiros tempos, quando eu comecei, o Colégio era na Brizoleta, nos fundos. Depois foi construído o prédio no qual foram instalados, juntos, o Colégio e a Faculdade.

**Balduino** – A FACED e o Colégio estiveram juntos, no mesmo prédio, durante muitos anos. O Colégio era, legalmente, “órgão auxiliar” da Faculdade. Mas foi construindo, progressivamente, uma autonomia de fato, pedagógica, administrativa e política. Por outro lado, não tinha mais cabimento que um colégio-modelo fosse o local dos estágios para alunas e alunos da Pedagogia e das licenciaturas. Quando Diretor, um dia o Pró-Reitor de Graduação, Professor Darcy Dillemburg, perguntou-me se, não sendo mais o espaço dos estágios, o Colégio teria ainda razão de ser, ou se poderia ser extinto. Eu respondi que o Colégio já tinha uma trajetória de inserção própria, na Universidade e na comunidade, o que lhe conferia uma nova identidade, a ser discutida na reforma dos estatutos, como acontecia, aliás, com os outros colégios de aplicação do país. Isso confere com o que tu estavas dizendo, Merion, sobre a projeção da Faculdade e do Colégio no cenário de Educação do estado.

**Merion** – Essa projeção em termos de teorização competente no campo da Educação já existia. E também a tradição de pesquisa, no Departamento de Educação, depois Faculdade, e no próprio Colégio de Aplicação. A pesquisa não surgiu depois, quando surgiu o Pós-Graduação. Ela era uma derivação natural. Eu comecei a fazer pesquisa quando era professora do Colégio de Aplicação, junto com as colegas Margot Bertoluci Ott e Vera Regina Pires Moraes, que eram professoras já do Departamento de Educação. O Colégio era realmente um laboratório. O que eu aprendi ao longo do tempo tem, assim, uma raiz lá longe. E essa projeção fez também com que, dentro da Universidade, a Educação fosse aos poucos adquirindo mais prestígio. Eu farei um comentário que está relacionado a aspectos não tão claros, e não historicamente revelados. Por exemplo, o nosso próprio curso de Pós-Graduação sofreu um bocado para se instalar. O Mestrado, se não fosse a energia e a posição que tinha socialmente e profissionalmente a Professora Juracy C. Marques, teria sido muito difícil. Eu lembro muito bem como foi complicado instalar o Mestrado, devido à resistência de alguns setores da administração central da UFRGS. Era bastante notória a “desvalia” das áreas científicas e tecnológicas em relação à Educação. O nosso Mestrado em Educação, instalado em 1972, foi um dos primeiros no país. A Faculdade tinha recém iniciado, mas pensando já no Mestrado, devido à tradição de pesquisa que se tinha. Mais tarde, a luta foi mais árdua ainda para a instalação do Doutorado, sob o principal argumento de

que “não fazíamos pesquisa científica”. Mais tarde, eu mesma, fazendo parte da Câmara de Pesquisa e Pós-Graduação – a V Câmara –, tive de sustentar nossa posição diante de colegas de outras áreas.

**Balduino** – Foi por isso que na eleição seguinte, para a V Câmara, foi sabatinada a tua candidatura, quando eras, pelos acordos de cavalheiros da Área 3, a candidata certa à Presidência, que já exercias interinamente. Isso não é fofoca, porque meu voto sob protesto consta na Ata daquela eleição, como tu bem sabes. Mas achei estranho, Merion, que insistes sobre as dificuldades para a instalação do Pós. Mas se a Faculdade começou em 1970, e em 1972 já começou o Mestrado? O que agilizou as coisas, ao que parece, foi a tradição já existente de pesquisa. Além, evidentemente, da teimosia incansável da Professora Juracy, do próprio Diretor, o Professor Fachin e, se não me engano, o envolvimento da Professora Eva van Ditmar, assessora da CAPES nos seus inícios. Eu entrei nessa história porque a concessão de uma bolsa para que eu pudesse ingressar no Mestrado, em 1975, foi condicionada a uma participação minha numa pesquisa sobre os cursos de pós-graduação, num convênio MEC/CAPES com a UFRGS. Depois minha dissertação de Mestrado, sobre evasão nos mestrados em Engenharia da UFRGS, foi, segundo fiquei sabendo recentemente, a segunda pesquisa sobre os cursos de pós-graduação no Brasil. Mas a tua história no Pós é anterior à minha.

**Merion** – Eu fui, com outras colegas, aluna da primeira turma, formada quase só de professores do Colégio e da Faculdade, sendo somente duas, se bem lembro, as pessoas estranhas. Nós éramos uma turma pequena. Esse curso foi montado dentro do modelo extremamente norte-americano. Nossos primeiros professores, com raríssimas exceções, vieram dos Estados Unidos. Aquela época era o auge do Tecnicismo. Tínhamos que fazer pesquisa experimental, com grupo experimental e grupo de controle. Num grupo, fazíamos o experimento; no outro, não, para analisar o que acontecia de diferente. E tinha que usar o Skinner, a instrução programada e tudo mais.

**Balduino** – Dos americanos, a exceção, como o diferente, foi o Ray Chesterfield, um antropólogo muito respeitoso de nossos valores culturais e radicalmente crítico em relação aos Estados Unidos. Foi meu orientador, como também do Nilton Fischer, do Ático Cassot e de vários outros.

**Merion** – Eu não fui aluna dele. Fui orientanda da Juracy. Pra se ter uma ideia do que foi essa primeira experiência, que depois continuou durante bastante tempo, nós fizemos uma pré-seleção, nós que já éramos professoras da Faculdade. Fizemos uma reciclagem. Não sei exatamente como é que se chamava. Era um período inicial de um curso, no mês de janeiro, pra se preparar para o Mestrado.

**Balduino** – Aquilo era um terror. O nome do curso era *Nivelamento*.

**Merion** – Exato. Nivelamento. Nós tínhamos que nos nivelar, não sabíamos bem ao quê.

**Balduino** – Depois foi substituído por um “Seminário de Integração”. Quando voltei do Doutorado, eu fui o último coordenador, coordenador e cozeiro, porque o Seminário também morreu. Isso no início de 1986.

**Merion** – Então veja bem, Balduino, já era Seminário. Já tinha havido mudanças. Mas na verdade havia um currículo bem difícil obrigatório. Nós, da minha turma, éramos alunas da Juracy. Ela nos deu uma prova final, um exame. E nós tínhamos 48 horas para preparar o exame. Eram cinco questões. Cada uma delas equivalia a uma dissertação. Em 48 horas. Porque era assim, leitura de 60 artigos, no mínimo, todos em inglês, claro. Não tinha nada em português. Eram 30 livros para aquela disciplina. Tinha que cobrar, e ela cobrava. Essa prova foi incrível, porque acho que foi a primeira vez, e espero que tenha sido a última, que tive uma quebra mental. Eu atuava como professora e tinha três filhos pequenos. Então eu só podia trabalhar para o meu mestrado à noite. Aí eu fiquei duas noites virando. Na segunda, às 5 horas da manhã, meu marido foi me encontrar sentada, parada, lá no frio. Eu tive uma crise mental, eu não conseguia mais nem pensar, nem escrever. Primeiro, eu comecei a rir, dizendo que não estava conseguindo escrever direito. Depois me dei conta de que eu lia e não sabia nada, não sabia. Fiquei com um branco total. Mas eu acho que não fui a única. Nós tínhamos que entregar a prova às 8 horas da manhã. Estava chegando todo mundo aqui, cada uma com mais cara de cansada que a outra. E o que aconteceu? Primeira vez na vida, acho que primeira e única, eu vi a Vera Moraes totalmente descabelada, despenteada e sem maquiagem. “Não, a coisa está difícil” – pensei – “se a Vera desmontou”. A Vera era ótima colega, excelente professora. Aposentou-se cedo demais, infelizmente. Mas ela era superdedicada. Não tinha filho, nem era casada. Mas isso é só para dar o exemplo de como se pode chegar a concluir, como eu concluí: “Não preciso ser mestre... Não quero ser nada”. Depois eu fiz uma tese, feita por mim, praticamente sem orientador. Foi o Tomaz Tadeu da Silva que me ajudou na parte de estatística, porque tinha que fazer estatística. Ah! Era tudo com estatística. Tabelas e mais coisas. Eu estava fazendo a pesquisa. A Juracy nunca me encontrava. E eu também não concordava com o que ela queria. Bom, então eu recebi o chamado. Estipularam prazo. Eram dois anos e pouco. O prazo terminou, e eu fui dispensada. Para completar, eu não terminei o Mestrado.

**Balduino** – Como lembrei anteriormente, meu ingresso na Faculdade de Educação foi como aluno do Mestrado, em 1975. A criação da revista *Educação & Realidade*, como iniciativa do Professor Fachin, aconteceu, se não me engano, em 1975, sendo o Professor Frei Rovilio Costa o “milagroso” colaborador direto do Diretor neste empreendimento. Desde os incícios da revista houve estímulo para os alunos do Mestrado também publicarem, e eu tive assim um artigo meu incluído no 2º número da revista. O Mestrado foi para mim um período de grandes aprendizagens e da construção de sólidas amizades e parcerias, tendo sido, com certeza, a mais duradoura com o saudoso Professor



Nilton Bueno Fischer. Mas eu também, Merion, com minha formação filosófica, literária e teológica tive dificuldades enormes para me adaptar ao clima do Tecnicismo e da metodologia essencialmente quantitativa da pesquisa. Eu terminei o Mestrado em setembro de 1977, na área de concentração *Planejamento da Educação*, que não tinha relação comigo nem com minha trajetória. Foi o jeito, sendo que não fui aceito nem na área de Ensino nem na de Psicologia da Educação. Em janeiro de 1978, fiz concurso em Filosofia da Educação e ingressei, como professor-assistente, em novembro daquele ano. A esta altura éramos colegas na Faculdade. Podemos ir evocando, no nosso diálogo, portanto, realidades e fatos dos quais participamos juntos. Vou rememorar agora alguns momentos ou acontecimentos importantes do período de minha gestão, de dezembro de 1988 a dezembro de 1992. Tu lembras, Merion, que nós integramos a chapa vencedora, no segundo processo eleitoral da FACED?

Em termos de repercussão nacional, cabe salientar que a FACED sediou, durante dois mandatos, a ANPED, tendo sido eleito como presidente o professor Alceu Ravanello Ferraro, e como secretário-geral o professor Nilton Bueno Fischer. O professor Alceu, meu predecessor na direção da FACED, havia sido o candidato vencedor na eleição para reitor, promovida pela comunidade universitária, sendo preterido pelo presidente acidental da República José Sarney, que nomeou o terceiro da lista, patrocinado pelo então senador Paulo Brossard e demais parlamentares do PMDB. Foram tempos bastante tumultuados aqueles. Na primeira reunião pessoal que tive com o reitor Gerhard Jacob, antes da posse, ele me disse: “Professor Balduino, o senhor vai ter uma tarefa difícil, como Diretor: a de pacificar a Faculdade de Educação, onde está havendo muitos conflitos, e pessoas que sofrem com isso”. Eu dei uma risadinha, e respondi: “Professor Gerhard, o senhor tem razão de que há muitos conflitos, de ordem ideológica, causados por diferentes concepções de sociedade ou de Educação. Todavia, não cabe a mim uma missão quase messiânica de pacificador. Somos adultos, e é por isso um aprendizado que nos cabe fazer em conjunto. Mas, já que o senhor falou em pacificação, não acharia necessária uma pacificação na Universidade? O senhor sabe que eu me refiro ao inquérito da Polícia Federal, que o senhor pediu para ser instalado”. Ele me respondeu: “O senhor tem razão. Já pedi à polícia que, quando terminar o inquérito, entregue à Justiça, à qual pedirei que seja arquivado”. E eu comentei: “Será um gesto que só poderá engrandecê-lo. Nossos estudantes, com seu espírito de luta, sua inteligência, suas grandezas, mas também com seus exageros e problemas, são nossos estudantes, possivelmente nossos filhos. Se não soubermos ajudá-los a resolver seus problemas, e tivermos que chamar a polícia ou o exército, será uma derrota para nós, educadores”.

Da minha época, não podemos esquecer que a FACED sediou também o ENDIPE, que tu muito bem coordenaste. Eu registro, mas caberia a ti relatar. Igualmente eu acho que não pode ser esquecido o projeto *Pericampus*. Eu tive uma situação muito polêmica no CONSUN, ao defender a importância desse



projeto pioneiro, contra a acusação de que, em lugar de se preocupar em produzir conhecimento de nível, a FACED estava fazendo assistencialismo. Tu poderias, Merion, falar do *Pericampus*?

**Merion** – Esse é o filho do meu coração... Vamos dar, assim, um salto para o futuro, e falar do *Pericampus*. Eu sempre tive muita atividade de professora, o que, aliás, é a coisa de que mais gosto na vida. Foi uma escolha consciente e muito bem-amparada. E na docência eu tenho tido, basicamente, só satisfação. As minhas experiências administrativas não têm sido tão jubilatórias como a experiência de ensinar, de ser professora. O *Pericampus* foi um projeto ousado para a época. Foi apoiado pelo Professor Ludwig Buckup, da área das Biociências, que era Pró-Reitor de Extensão. Motivadas pelo trabalho da Faculdade, muitas pessoas começaram a se interessar. Eram os anos 1980, com inícios de efervescência. Desde 1978 havia uma tentativa de mudanças, no clima daquela “abertura gradual”. Mas 1978 foi difícil ainda, com perseguições políticas também. Para os jovens é difícil entender que a situação política no país, durante o Regime Militar, era absolutamente catastrófica. Nós éramos sujeitos a vigilância constante, tanto no Colégio quanto na Faculdade. Na Universidade, vários professores foram expurgados em 1968. Meus professores favoritos do curso de Filosofia foram cassados. Aproveitaram-se muito questões pessoais de invejas e de discrepâncias para denunciar coisas que nem existiam. Isso está no livro *Universidade e Repressão – Os expurgos na UFRGS*, publicado pela ADUFRGS. Nós perdemos muita gente de valor naquela época, principalmente na Faculdade de Filosofia. Filosofia era o antro, segundo os militares. Nós éramos sujeitos a ter sempre “alguém” na sala de aula, principalmente aqui, porque, além de tudo, era Faculdade de Educação.

**Balduino** – Eu lembro que em 1979 o clima era ainda muito tenso. Num dos primeiros seminários, na disciplina *Filosofia da Educação*, um grupo tinha escolhido apresentar a obra de Paulo Freire. Antes da apresentação, notei que o clima estava pesado. Com a experiência que eu tinha de dinâmica de grupo, tentei desconstrair a turma, provocando a verbalização. Depois de alguns momentos de silêncio constrangedor, uma aluna arriscou explicitar: “Professor, até o ano passado, aqui na Faculdade, era proibido até falar nesse nome... E agora os colegas vão apresentar?”. Eu observei que a escolha havia sido democrática, e que estávamos respeitando a escolha feita. Mas um dia minha chefe de Departamento me chamou, e sem que fosse num tom de censura explícita, disse-me: “Professor, eu sei que o senhor está estudando Paulo Freire na Filosofia da Educação. Mas Freire não tem uma filosofia. Ele tem somente um método de alfabetização de adultos”. Na PUC/RS, onde lecionei por um ano, em 1976, substituindo a inesquecível Professora Zilá Totta, fui avisado, fraternamente, por um jovem Irmão lassalista, aluno meu, que deveria cuidar-me, porque na sala de aula tínhamos um “olheiro da SEC”.

**Merion** – Na Faculdade, tínhamos alunos de todos os cursos, e as turmas eram grandes. Então era um lugar propício para aparecerem os “observado-

res”. No Colégio de Aplicação também. Nós tivemos alunos do segundo grau que foram presos. O que aconteceu em 1980 é que o Professor Ludwig, hoje aposentado, era um sujeito de muita visão. Ele queria fazer uma extensão diferente, realmente voltada para fora, para aprender coisas. Ele me convidou para assessorar a Pró-Reitoria. Então nós o convidamos, e criamos, a partir daqui, da Faculdade, o projeto *Pericampus*. Nossa ideia, com o grupo da Dinorá Fraga da Silva, Ana Cristina Souza e Rosa Maria Hessel Silveira – do DEC –, Neusa Armellini e Cacilda Zorzo – do DEE –, Liliana Fagundes e Elisabeth Otero – do DEBAS – era uma maior inserção da FACED na melhoria da vida e do ensino nas escolas públicas das periferias urbanas. Então nós criamos o *Pericampus*, ousadamente, como um projeto interdisciplinar. No início, começamos com a Medicina, porque tínhamos contato com o pessoal da Medicina, com o professor Mauro Fossatti, que era professor do Departamento de Medicina Social. Eles já estavam fazendo um trabalho nas vilas ao redor do *campus*. Já faziam este trabalho com os alunos de Medicina, numa disciplina. Então estabelecemos contato, e fizemos juntos. O projeto começou com a Medicina e a Educação. Em seguida foram se agregando outros. Tivemos pelo menos 10 cursos diferentes envolvidos: Letras, Psicologia, Educação Física e outros. Eu fui reunindo os professores que trabalhavam conosco também. Tivemos essa conquista, e o grupo ficou muito bom. E aqui na Faculdade, o projeto, digamos, ironicamente, era “visto” de olho fechado. Porque nós estávamos fazendo “ativismo”. Mas a proposta do projeto era ensino, pesquisa e extensão. Numerosos alunos participaram, sendo vários deles contemplados com bolsas do CNPq.

**Balduino** – Merion, tu falaste em “ativismo”. No CONSUN, a crítica foi de assistencialismo.

Em termos de pesquisa, tu lembras quantas dissertações de mestrado ou teses de doutorado surgiram do *Pericampus*?

**Merion** – Comigo, pelo menos umas cinco dissertações de mestrado e duas teses de doutorado, que são produtos do projeto. Tanto a tese da Rosa Hessel quanto a da Marisa. A tese da Nara também, porque a Nara trabalhou com as mulheres que tinham filhos nas escolas. Nosso projeto abrangia vários aspectos, porque trabalhávamos também na Vila Jardim Universitário. Nessa nós tivemos bastante campo de trabalho, porque a escola que foi instalada no Jardim Universitário foi conosco, praticamente, que ela começou. O Secretário de Educação de Viamão pediu auxílio porque tinha um índice de evasão e de repetência enorme na primeira série. Lá se instituiu o *Projeto Avaliação*, não de *Reprovação*. Não reprovar no primeiro ano, na primeira série, mas dar o tratamento especial. Este projeto foi coordenado pela Dinorá. Foi difícil trabalhar com a escola. Não pensem que foi fácil. Foi muito difícil trabalhar com os professores, embora os mais jovens fossem muito acessíveis. Mas nós trabalhávamos com a escola, não íamos lá para ensinar. O trabalho se expandiu, depois, para outras vilas de Viamão, principalmente na Vila Isabel.

**Balduino** – Toda esta ação *peri/campus, extra-muros*, a Faculdade e a Universidade saindo dos muros, inserindo-se na comunidade, leva-me a lembrar, Merion, outras várias formas de inserção e parceria da nossa FACED. Em 1990, vários docentes da FACED foram convidados a colaborar, em Braga, perto de Três Passos, no curso de formação de monitores, para o projeto de alfabetização nos assentamentos do MST. O lançamento do projeto aconteceu num grande encontro comunitário dos sem-terra, no Assentamento Conquista da Fronteira, em Hulha Negra, com a participação de Paulo Freire e sua esposa, tendo ele proferido uma fala histórica, da qual destaco um fragmento muito significativo:

[...] Uma experiência como a de vocês, deste assentamento, tem que ser e a cada dia virar mais um centro de formação de cultura, um centro de produção do saber, não apenas produção econômica (palmas). [...] É um apelo que eu faço, que este assentamento se fortaleça como produtor de cultura, como produtor de liberdade, como produtor de democracia, como produtor de saber.

Tenho comigo o Relatório do *Seminário sobre o Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos*, realizado em Pelotas, nos dias 23 e 24 de agosto de 1991. Neste seminário, foi avaliado o projeto de alfabetização realizado em vários assentamentos e acampamentos do MST, foi discutida a continuidade, compreendendo também a formação de mais 50 monitores, além dos 23 que estavam atuando. Além do MST, participaram do Seminário outras 10 entidades. Da FACED, estivemos lá as Professoras Renita L. Allgayer, Ivany Ávila, Jaqueline Moll e eu. Pela ADUFRGS, esteve o Professor Mario S. V. Cabeda.

Durante o governo Collor, sendo Ministro da Educação o senador Carlos Alberto G. Chiarelli, dentro do Programa *Educar*, a FETAG propôs à FACED um convênio para alfabetização de adultos em quatro municípios do Rio Grande do Sul: Soledade, Fontoura Xavier, Canguçu e Uruguaiiana (interior), sendo o projeto coordenado pela professora Ivani Ávila, em equipe com as professoras Renita Allgayer, Rute Baquero e Maria Helena Degani Veit. Elas trabalharam de forma exemplar, recrutando os alfabetizadores e alfabetizadoras entre o magistério público estadual ou municipal daqueles municípios, preparando-os depois para a realização dos cursos de alfabetização. Aqueles alfabetizadores e alfabetizadoras foram remunerados com os recursos do Programa *Educar*. Em várias de suas viagens pedagógicas por este Rio Grande, aquelas heroicas colegas contaram com o apoio dos maridos, que as levavam de carro. Infelizmente, tal projeto foi muito pouco documentado. No campo da alfabetização de adultos, não podemos esquecer um projeto da maior importância para a própria UFRGS. Um grupo de professores/as e alunos/as, bravamente coordenado pela professora Neusa Armellini, levou adiante, durante vários anos, um trabalho competente e solidário de alfabetização de funcionários/as da Universidade Federal.

O compromisso com os movimentos populares e com os setores mais excluídos da sociedade foi sempre um ponto alto na Faculdade de Educação.

Além dos projetos de alfabetização de adultos e de assessoria aos sem-terra, cabe lembrar atividades e projetos que se ocuparam ou se ocupam até hoje de educação indígena, de meninos e meninas de rua, e os movimentos negros, tendo existido, durante vários anos, na FACED, o *Grupo de Estudos de Cultura Negra*, que promoveu, na Reitoria, um seminário de uma semana com estudantes africanos que realizavam diferentes cursos na UFRGS.

No estado, um outro projeto que merece destaque foi um curso para atualização de professores, coordenado pelas Professoras Maria Beatriz Moreira Luce e Maria Beatriz Gomes da Silva, realizado em várias cidades-polo do estado. Nesta mesma linha de colaboração com educadores do Rio Grande do Sul, foram oferecidos cursos de atualização para supervisores da educação, em quatro cidades: Uruguaiana, Bagé, Porto Alegre e Cruz Alta. O de Cruz Alta foi suspenso, pois, no período previsto, aconteceu uma longa greve do magistério estadual.

A colaboração com o magistério público estadual aconteceu também, em diferentes momentos, por meio de assessorias solicitadas pelo CPERS (Sindicato dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul). Para a discussão do famoso QPE (Quadro de Pessoal por Escola), na gestão do deputado Bernardo de Souza como Secretário da Educação, foram convidados os professores Maria Beatriz Moreira Luce, Nilton Bueno Fischer e Balduino A. Andreola. Por ocasião de outro momento amplamente autoritário, sendo Secretária de Educação a Professora Neuza Canabarro, no governo Collares, a FACED foi vista pelo CPERS, pelos órgãos da imprensa e pela comunidade em geral como referência importante na análise dos acontecimentos e na defesa dos interesses maiores da Educação. A UFRGS foi por isso penalizada com a retirada de todos os professores do estado cedidos à Universidade. Mas tu, Merion, tiveste, entre outras contribuições para a Educação no estado, uma participação muito importante, como membro do Conselho Estadual de Educação.

**Merion** – Eu fui para o Conselho Estadual por indicação da Faculdade e da Universidade. Na época, o Conselho tinha a prevalência do pessoal nomeado pelo Governador do Estado. Havia uma vaga ainda, que era para as universidades e a outra para os professores, para o CPERS. Foi uma experiência muito boa. Foram seis anos no Conselho Estadual, e eu escolhi ficar na Comissão de Ensino Supletivo na época. Eu já tinha ouvido muita coisa ruim, sabia que era péssima a situação, então eu queria conhecer mais. Eu estive em várias comissões, mas foi nessa aí que eu fiquei mais tempo. Foi uma experiência de conhecer a escola do RS também. Além disso, participei de um movimento de democratização do Conselho. Conseguimos um novo estatuto do Conselho, e conseguimos mudar a composição, reduzindo a participação do Estado, mediante indicação do Governador. Uma das colegas, de nomeação direta do Governador, foi a Neuza Canabarro. De qualquer modo, só tinha gente boa. O CPERS também tinha seu pessoal lá. Ainda era um bom colegiado. Eu conheci outros também. Comparado aos conselhos de vários lugares, ainda era uma maravilha.

Mas houve uma evolução no próprio Conselho, inclusive com o ingresso de representante da Associação de Pais e Mestres, que não participava antes. Havia uma briga grande lá, apesar de nos respeitarmos muito, entre o pessoal do sistema público de ensino e os representantes de escolas privadas, que eram evangélicos. Quem brigava era um homem muito inteligente, muito competente, mas um sujeito muito conservador. Então tínhamos algumas discussões, mas, mesmo assim, era um ambiente bom de trabalho. Aprendi muito naqueles anos. E me senti realmente lisonjeada com o convite, com a indicação e com a presença da Faculdade na minha posse. Tu fizeste uma coisa bonita. Tenho guardado até hoje. Escreveste uma homenagem. Se tu não te lembras, eu te mostro.

**Balduino** – Eu sei que nós fomos. No discurso em tua homenagem, o orador oficial, ao citar o Diretor da Faculdade de Educação, disse: professor Balduino Rambo. Senti-me honrado por confundir-me com o famoso pesquisador jesuíta, no campo da Botânica, o Padre Balduino Rambo.

No estado, a FACED foi solicitada em diferentes momentos, por meio de seu Programa de Pós-Graduação, para uma colaboração importante na instalação e na consolidação de outros cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Eu lembro três. A primeira solicitação foi por parte da UFSM. Eles tinham já Mestrado em Educação, e queriam iniciar o Doutorado. Fomos procurados para uma parceria, que não pôde acontecer, e eles a tiveram com a UNICAMP. O convênio conosco teria representado, acredito, uma garantia maior de continuidade, como aconteceu com a UFPel, que referirei em seguida. Um outro convênio foi solicitado pelas universidades comunitárias. Lembro que fui o relator na Comissão Coordenadora. O projeto havia sido redigido pelos professores Paviani e Batomé, da UCS, e era acompanhado por uma carta do então Presidente do Conselho das Comunitárias, Reitor da UCS, Rui Pauletti, que esclarecia tratar-se de universidades *comunitárias*, não particulares, nem confessionais. O projeto era de excelente qualidade, sob os pontos de vista curricular, administrativo e financeiro. Eu dei um parecer altamente positivo. Lembro que acrescentei duas propostas. Na primeira, para evitar o endogenismo, ou *imbriding*, jargão dos primeiros tempos da CAPES, sugeri que a formação *in loco*, por meio da interiorização do curso de Doutorado, contemplasse um Doutorado “sanduíche”, numa grande universidade brasileira ou do exterior. A segunda proposta era de que a colaboração fosse em mão dupla, ou seja, que os doutores das universidades comunitárias também assumissem alguma disciplina no Doutorado assim oferecido pelo PPG/EDU da UFRGS. Parece que um grupo ligado a uma das universidades comunitárias quis sair na frente, sem respeitar a proposta coletiva, e a coisa não foi adiante. De qualquer modo, as negociações foram interrompidas, por parte da UFRGS, por decisões individuais, quando o problema poderia ter sido levado novamente aos colegiados por onde passara o projeto. Foi uma pena, porque muita coisa de inovador teria acontecido nas comunitárias e na Educação do Rio Grande do Sul.

A parceria que teve pleno sucesso foi com a FAE/UFPeL. O convênio foi muito bem-discutido por uma comissão mista, aprovado pelo CONSUN e, posteriormente, pela CAPES.

Nos inícios, em cada semestre, um ou dois de nós ministrávamos uma disciplina em Pelotas. Depois de aposentados, alguns de nós fomos convidados como professores visitantes, com bolsa do CNPq, da CAPES ou da FAPERGS. Hoje eles têm, há vários anos, também um Doutorado muito bem-estruturado.

Trarei agora para o nosso diálogo uma participação que tivemos, em nível nacional, sobre a qual tu tens, Merion, muito mais coisa a dizer do que eu. No último ano, creio, de minha gestão, tiveram início reuniões de diretores de universidades públicas brasileiras. A iniciativa foi da Diretora da Faculdade de Educação da USP. Eu participei da primeira reunião, na USP. Éramos uns dez ou doze diretores, creio. Particpei depois da segunda, na UNB. O número de adesões já tinha aumentando, mas pouco. Sei que a minha sucessora, a professora Maria Isabel Edelweiss Bujes continuou participando, e que o movimento foi conquistando espaço sempre maior de influência, em nível nacional. Através da Maria Isabel Bujes, mandei um poema gauchesco, homenageando cada um dos colegas. Um diretor do Nordeste, cujo nome não lembro agora, me respondeu em versos de cordel. Um dia desses, Merion, te dou cópia daqueles diálogos “homéricos”. Mas tuas brigas em prosa foram muito mais valentes do que as minhas, e estou curioso para ouvi-las.

**Merion** – Em 1995, o grupo, bastante ampliado já, constituiu-se em *Fórum dos Diretores das Faculdades de Educação*. No início eram só as melhores universidades federais. Mais a USP, também, porque era das melhores e foi lá que o movimento iniciou. Então era um grupo pequeno. Eu tinha sido eleita Diretora da Faculdade no fim de 1996; eu tinha uma reunião em Brasília, porque estava numa comissão cujo nome não me ocorre agora. Não me lembro se tinha “estourado”, se tinha sido aprovada a Lei de Diretrizes e Bases. E nós estávamos lá. Então participamos de uma reunião. E era o pessoal que fazia parte do Fórum. O Sérgio Franco já tinha ido a alguma reunião, como Diretor da FAGED. Aí eu me vi lá, sozinha, e pensei: “Não vou mais”. E o pessoal dizendo: “Vamos fazer a reunião, tal e tal. Mas alguém tem que presidir o Fórum, porque fulano está saindo”. Aí uns colegas disseram: “A Merion”. “Mas eu não sou diretora ainda. Recém fui eleita” – foi minha resposta. E a turma: “Não tem importância. Tu já ficas de presidente”. Bom, aí como eu não consigo fazer nada pela metade, quer dizer, no caso, um terço, eu disse: “Mas esse ‘forunzinho’ aqui, só com esse grupo, não vai dar grande coisa”. Em 1996 e 1997, o Fórum “estourou”, porque eu convidei todas as faculdades das universidades públicas brasileiras. Mandeí carta para todas. Lembro que uma vez recebi um telefonema de uma das diretoras dizendo: “Ah! Não sei que é isso. Recebi uma carta de uma pessoa que nem conheço, que diz ser presidente do Fórum”. Era uma colega lá do Rio de Janeiro. Então o Fórum se tornou realmente uma comunidade muito coesa, com todos os diretores de todas as universidades públicas. Tinha as

estaduais e as federais, praticamente todas. As federais eram todas, exceto a Federal do Maranhão.

**Balduino** – Com certeza, não podia. Lá é o feudo do Sarney.

**Merion** – Não parece, mas ele é eterno. Nós fazíamos as reuniões. Na época, discutia-se o Plano Nacional e a Lei de Diretrizes e Bases. O Fórum teve grande influência. Eu sei que eu inseri a Faculdade em algumas coisas que ela não queria. Na verdade, a questão nacional foi de grande relevância para a Faculdade de Educação. A FACED tornou-se conhecida e reconhecida, pelo Fórum, e em outros lugares. Eu fui presidente do Fórum durante 4 anos. Depois houve um intervalo, mas fui reeleita. Mesmo com nova mudança de direção, continuei como membro do Fórum, que teve uma atuação intensa, junto ao Conselho Nacional. A época era muito difícil. Nós tínhamos Fernando Henrique Cardoso como grande opositor, e o Paulo Renato de Souza, Ministro, incrivelmente contrário à universidade pública. Havia muita discussão, e no final das contas, a Pedagogia foi a última a ter a sua resolução aprovada. Primeiro foram as licenciaturas. Houve também grandes discussões em termos internos, junto à ANFOP. Muita gente ainda pensava que o curso de Pedagogia devia formar especialistas em Educação. Lembro-me bem da discussão pública que tivemos eu e o José Carlos Libânio, porque ele sustentava que não cabe à Pedagogia formar professores.

**Balduino** – Estou impressionado, Merion, de como o Fórum dos Diretores ampliou o espaço de influência, no que diz respeito à Educação. Eu participei daquelas duas reuniões iniciais. Gostei. Foram discutidos pontos interessantes. O clima era de muita amizade e busca sincera. Mas me ficou certa impressão de “elitismo”. Quem poderia decidir, afinal, qual era o grupo das melhores? Se perigava ser um grupo fechado, tu provocaste a “explosão”. Todos sabemos que, quando a causa vale a pena, tu foste sempre muito boa de briga. Neste sentido, lembras um desabafo que fizeste um dia, de que certas faculdades de Educação, não sei se a FACED, estariam se ocupando de uma variedade enorme de assuntos, menos ou pouco do que é o principal, ou seja, formação de professores? Não sei se estavas te referindo aos vários modismos em voga, sobretudo com o prefixo “pós”. Acontece que as mudanças são tão rápidas, que os próprios “pós” vão ser desatualizados rapidamente, e aí passam a ser “ex-pós”. Tu não achas, Merion, que precisaríamos muito mais de teorias, metodologias e práticas “substantivas” do que “prefixais”? Da minha parte, não estou interessado em ser “pós-freireano”, porque já defini minha posição há bastante tempo, em 1995, por ocasião da última visita de Freire a Porto Alegre. Após a conversa com os estudantes, no Salão de Atos repleto, ele aceitou, no dia seguinte, participar no meu Seminário no PPG/EDU. Depois da fala dele, eu disse: “Paulo, quero repetir aqui, na tua presença, o que eu já disse várias vezes, em aulas ou palestras, que nunca quis e nunca querei fundar o “clubinho do Paulo Freire”. Justifiquei, dizendo que todos os grandes educadores da humanidade foram sempre intelectuais de horizontes abertos, dialogando com outros pensadores, com outras propostas teóricas. Paulo Freire



respondeu dizendo: “Balduino, gostei que tu não queres fundar o timinho do Paulo Freire”. E aqui acrescento que numa das últimas entrevistas ele disse que os problemas são tantos e tão complexos, que não poderia ter ele ideias ou propostas de solução para todos, mas sim que caberia a nós criar novas pedagogias. Voltando ao teu desabafo, eu o citei na apresentação de um livro que organizei, com outros três colegas do UNILASALLE, sobre formação de educadores, contando com a participação de docentes de 10 instituições de ensino superior do Estado, incluída a FAGED.

As quatro décadas da FAGED nem sempre foram de tranquilidade e paz. Houve momentos bastante polêmicos, no campo teórico. Neste sentido, foram promovidos dois debates em alto nível. Um deles, proposto e votado na Congregação como aula inaugural, foi uma discussão sobre afinidades ou diferenças entre Piaget e Vigotsky. O professor Juan J. M. Mosquera fez a explanação sobre Vigotsky, e o professor Fernando Becker, sobre Piaget. Seguiram-se os debates, em alto nível, desfazendo, assim, polêmicas inúteis. Outro tema discutido foi o *Construtivismo: a favor e contra*. Os expositores foram o professor Fernando Becker, a favor, e o professor Tomaz Tadeu da Silva, contra. Novamente vieram depois os debates, que tiveram desdobramentos por meio da revista *Educação & Realidade*, com bastante repercussão, por isso.

**Merion** – E então podemos lembrar que algumas coisas foram avançando, na Faculdade, especialmente depois dos anos 1980. O que fez uma diferença muito grande. O nosso curso de Pedagogia foi o primeiro, junto com o da Universidade Federal de Pelotas, a mudar o seu currículo, a mudar completamente. Foi a partir de uma discussão que se estabeleceu em nível estadual sobre aqueles famosos pareceres do Valnir Chagas. Estavam querendo que se mudassem as licenciaturas e o curso de Pedagogia junto. Nós decidimos, em 1982, mudar o curso, recriar o curso especificamente para formar os professores da primeira à quarta série, e também os professores de Educação Infantil. Então mudamos. Tivemos autorização do Conselho Federal de Educação para um projeto experimental. Assim, dentro do cenário nacional, fizemos um avanço político e acadêmico muito grande, que levou muitos anos para ser seguido no resto do país. Mas lançamos a semente. Tanto que os cursos do Rio Grande do Sul foram mudando também. Nós abandonamos todo o esquema do Parecer nº 656, na Pedagogia, que era de um curso que formava os especialistas. Paramos de formar especialistas. Não formamos mais supervisores, inspetores, administradores e orientadores educacionais.

**Balduino** – Mas continua o nome: Departamento de Estudos Especializados.

**Merion** – Exatamente, por isso a coisa é completamente anacrônica. Até poderíamos mexer na estrutura dos departamentos, mas é muito difícil.

**Balduino** – O problema não se restringe, porém, à divisão em departamentos. O paralelismo parece-me ser um problema bem mais amplo. Não sei como as coisas estão hoje. Como Diretor, eu me via ocupando um cargo, de certo modo,

quase inútil. Os departamentos funcionavam de maneira inteiramente autônoma. Nada tinham a ver, praticamente, com a Direção da Faculdade. Outro paralelismo dentro da Faculdade era, a meu ver, a COMCAR/EDU (Comissão de Carreira do curso de Pedagogia), órgão ligado diretamente à Pró-Reitoria de Graduação. Eu nunca entendi bem as relações da COMCAR com a FACED. O PPGEDU (Programa de Pós-Graduação em Educação) também era inteiramente autônomo. Nenhum problema, nenhum assunto, nenhuma decisão do PPGEDU passava pelo Conselho Departamental ou pela Congregação da Faculdade. Não estou criticando pessoas, mas analisando estruturas. Devo reconhecer, com sinceridade, que sempre houve muito bom entendimento, a partir do bom relacionamento pessoal que sempre tínhamos entre nós, que ocupávamos os vários cargos, na FACED. Mas sempre estranhei, ao mesmo tempo, a fragmentação, os paralelismos ou os isolamentos quase que feudais.

Ao falar da estrutura administrativo-pedagógica da FACED, parecem-me oportunos alguns acenos ainda à Reforma dos Estatutos da Universidade, um processo iniciado, creio, durante a gestão do Reitor Francisco Ferraz, retomada pelo Reitor Gerhard Jacob e concluída durante a gestão do Reitor Héglio Trindade. A Faculdade de Educação sempre esteve na linha de frente, nos grandes momentos da vida universitária. Mas, durante minha gestão, não consegui mobilizá-la para uma participação, certamente qualificada, que lhe caberia oferecer ao processo. Levei o assunto para a Congregação. Foi votada a criação de uma Comissão *ad hoc*, que nunca se reuniu, porém. A respeito da “Reforma”, sempre considerei que era apenas “Reforma dos Estatutos”, não “Reforma Universitária”. O segundo volume dos escritos do Professor Ernani M. Fiori contém a famosa conferência que ele proferiu, na Faculdade de Direito, a convite do movimento estudantil, durante a “greve do um terço”, em 1962. Numa conversa pessoal que tive com o Professor Fiori, em sua residência, em 1984, ele me disse que, durante o exílio no Chile, foi convidado a coordenar, na Universidade Católica, um projeto de reforma universitária, para o qual nunca tinha tido oportunidade de trabalhar aqui. Quando Paulo Freire recebeu o título de *Doutor Honoris Causa*, na UFRGS, em 1994, em sua saudação inicial, o Reitor Héglio Trindade falou muito belamente, baseado num artigo de Paulo Freire sobre a Universidade, publicado no Recife em 1961. O Professor Héglio considerou tão sábias as reflexões de Freire, que as qualificou como pioneiras. Respondendo à saudação, Paulo Freire disse, com humildade, e em tom jocoso, que ele não se considerava um pioneiro, mas que talvez a Universidade brasileira tivesse avançado pouco, daquela data até 1994. Achei interessante trazer estes acenos, ainda que breves, aos problemas da universidade, porque está tramitando (ou então encalhado!) há vários anos, no Congresso, um projeto de reforma universitária. A mobilização quase inexistente em torno de tal projeto leva-me a temer que do sonho de uma universidade renovada tenhamos sucumbido ao sono da desmobilização, e acordemos num pesadelo de que nada

irá mudar. Mas tu, Merion, estiveste envolvida durante muito mais tempo do que eu nessas lutas pela mudança de estruturas, como dizes, “arcaicas”.

**Merion** – Na verdade, a discussão sobre a Reforma dos Estatutos levou muito tempo. E se não fosse a ênfase que o Hélió deu, não teria saído essa Reforma, porque havia muita resistência a qualquer mudança.

**Balduino** – Nós tínhamos votado, na administração anterior, a unificação dos Conselhos, e o CONCEP foi extinto. O clima foi quase de velório. As pessoas que participam 10, 15, 20, 30 anos só em cargos administrativos, se tu extinguês certas repartições, elas não têm mais condições para voltar à sala de aula.

**Merion** – Realmente, Balduino, minha história está muito ligada à Faculdade e à própria Universidade. Fui aluna da Universidade em dois cursos. Eu só estudei na Universidade pública. Eu fiz primeiro Direito. Entrei em 1952, formei-me em 1957. Em 1958, ingressei no curso de Filosofia. Fiz bacharelado. Mas aí parei um ano, porque casei e fui embora. Depois voltei e fiz a licenciatura, cursando um ano de Pedagogia.

**Balduino** – Nós estivemos muito envolvidos também em outras lutas da Universidade. Nos processos eleitorais, nas greves. Tu, mais do que eu, tendo participado da diretoria da ADUFRGS, como vice-presidente, tens condições de falar.

**Merion** – Foram várias mobilizações docentes. Tivemos lutas muito importantes, nas greves pela Universidade e pelo próprio salário. Participei da greve de 1984, quando ficamos três meses parados. Parecia que nunca acabava. Eu estava lá no comando central, em Brasília, no antro dos subversivos, fazendo greve. E tu estavas fora.

**Balduino** – Eu tinha voltado da Bélgica, devido à morte trágica de meu cunhado, e estava trancado em casa, para terminar aqui minha tese, e defendê-la depois lá, em 1985.

**Merion** – Fui mandada pelo nosso comando daqui para integrar o comando central. Já fiz tanta coisa, tanto discurso de greve, meu Deus. O que eu sempre mais amei foi dar aula. Mas fui levada a me envolver em muitas outras coisas, de caráter mais político ou administrativo.

Eu acredito, também, que é bom para um professor universitário ter uma experiência administrativa. Porque quando o professor só se limita à aula e à pesquisa, dissocia-se da realidade. Eu tive uma bela discussão, uma vez, com o pessoal da Administração. Eles enfatizando a importância de aprender a ser um administrador estudando. Aí eu disse: “Pois é, que coisa estranha, para ser administrador, aprenderíamos estudando. Eu penso que aprendemos no fazer, aprendemos, erramos, batemos com a cabeça. Mas aprendemos”. Obrigatoriamente, quando passa num curso, cada curso, quando é assumido, ele deixa uma marca nas pessoas, ele marca o jeito de ser. Muitas aconteceram comigo, porque eu tinha o curso de Direito, até pelo jeito de lidar com as coisas. “Quem sabe de Direito é a Merion” – diziam os colegas. Eu não entendia de lei. Achar que aprendemos muita lei, de repente. Tem que decorar o Código. Ninguém faz isso. Mas há uma forma de pensamento que se estabelece. Então, talvez os

cursos acabem se limitando, pela sua constituição, a serem formatadores realmente. E eu sempre faço analogia com a palavra formatura. Formatura para mim é botar na forma, sair na forma, bem-organizado. Formar quer dizer colocar dentro de uma fôrma. Isso é uma coisa que procuramos fazer dentro da própria Faculdade. A questão de se tornar mais interdisciplinar, e não ficar só falando a respeito, é que encontra muitas resistências. A prova disso é que o nosso curso de Educação a Distância, que foi concebido como curso interdisciplinar, é o que está aí. Não se pode fazer Educação sem ser interdisciplinar. É difícil ter mente interdisciplinar. Os feudos se criam agrupando pessoas com “cabeça feudal”. Houve uma resistência enorme de a Faculdade assumir, por duas razões: preconceito e desconhecimento. Em geral, o preconceito está ligado ao desconhecimento. Por preconceito contra a Educação a Distância, todos os diretores do Brasil eram contra. Mas por ter sido mal-começada, e isso complicou muito. Muitos ficaram fora, sem experimentar, e até hoje não se conformam que o curso foi criado na FAGED. É tão difícil trabalhar numa perspectiva mais aberta. E eu considero uma das grandes falhas de muitos cursos de Pedagogia, que continuaram seu “chãozinho”, sendo assim dogmáticos, porque são também feudais.

Eu me lembro dos meus colegas de faculdade e dos meus professores da Filosofia. Os colegas me disseram: “Merion, estás trabalhando na Faculdade de Educação. Tu não sabes mais nada de Filosofia”. “Está perdido!” – pensei. Só para dizer como as cabeças continuam fechadas. E uma das brigas que eu tive na Pró-Reitoria de Graduação, foi essa questão dos departamentos fechados, questão de cada um só pensar em si próprio. Nós conseguimos fazer uma primeira vez na vida a tentativa, junto com a discussão da Reforma dos Estatutos, de discutir a questão do lugar do ensino. Foi lá que se determinou que tinha que haver um mínimo de horas do professor dedicado ao ensino. Porque no CONSUN e no CONSEP, criou-se, a partir da consolidação do Pós-Graduação, a mística da produção do conhecimento, ou seja, que cabe à Universidade produzir conhecimento, que o que mais vale é ela ser uma produtora de conhecimento. O que leva à visão distorcida de que produzir conhecimento é exclusivamente fazer pesquisa, porque dar aula não produz conhecimento nenhum. E então é uma atividade mais ou menos inútil. E isso tem a ver com o tipo de política nacional também, de apoio à pesquisa, de degradação do ensino de graduação e de exclusão da extensão também. É uma política danosa. Portanto, se não estamos sempre lutando pela graduação, ela tende a ser minimizada. Além de tudo, a questão da queda da qualidade do ensino básico. Aí parece que quando tu vens para a graduação, tens que completar o que não foi feito lá no básico. São questões importantes, dentro desta perspectiva de lutar pelos cursos de graduação. O Fórum, do qual falamos anteriormente, teve grande influência na discussão da própria Lei de Diretrizes e Bases e na discussão dos dois pareceres do Conselho Nacional, tanto do curso de Pedagogia quanto das licenciaturas. A discussão foi junto com a ANFOP, Associação Nacional de Formadores de Professores. Aqui no Sul, com

nossa AESUFOP, a questão da Pedagogia sempre a discutimos juntos, o estado todo. Isso era muito importante.



Na verdade, houve sempre alguns dissensos dentro da Faculdade, como existem na Universidade, como existem no mundo. Fazemos parte dele.

**Balduino** – Concordo com tua observação sobre a necessidade de os professores terem uma experiência administrativa. Fui diretor durante quatro anos, mas preciso destacar que quem teve o pulso forte da administração foi a professora Aldanei Areias, vice-diretora. Também foi crucial a eficiência do trabalho do secretário da Faculdade, Emílio Millan Neto. Quanto aos dissensos que mencionas, não obstante as diferenças e as polêmicas, o clima da FACED foi sempre caracterizado muito mais pelo coleguismo e pela amizade do que pelos conflitos. Todos nós lembramos as confraternizações anuais, reunindo todos os docentes e servidores, em locais amenos, como o Morro do Sabiá, com futebol, vôlei, conversas descontraídas e, evidentemente, um saboroso churrasco. Um acontecimento inesquecível foi o de um encontro de homenagem e despedida aos aposentados. Para aquele momento afetivo tinha sido previsto que cada um/a dos/as aposentados/as seria homenageado/a por um colega que lhe entregaria uma rosa, proferindo breves palavras de homenagem. A racionalidade do tempo previsto, de umas duas horas, creio, cedeu lugar às razões do coração e da emoção. Desta maneira, a sessão foi bem além de três horas, das quais lembramos com carinho e saudade.

A palavra saudade, Merion, lembra-me que um dia, durante meu Doutorado, na Bélgica, ela bateu forte, e eu joguei minha emoção em versos gauchescos. Ao lembrar que a FACED representa para nós uma segunda casa, parodiando a mim mesmo, fugirei ao estilo acadêmico, concluindo com a primeira estrofe daquele poema guasca:

Eu tenho uma alma campeira,  
E quando acordo as lembranças  
Adoro as velhas andanças  
Nos caminhos da emoção.  
Nos espaços sem porteira,  
Parece que eu tenho asa  
E volto pra minha casa,  
Que amo de coração.

*Nota: Este trabalho contou com a colaboração da acadêmica Gisélia Monteiro Padilha, do Curso de História do UNILASALLE, bolsista IC CNPq.*



Balduino Antonio Andreola é professor aposentado da FACED/UFRGS (1978 – 1996), onde atuou como professor colaborador convidado até 2003. Foi Diretor da Faculdade de Educação da UFRGS. Atualmente é professor no Mestrado em Educação no UNILASALLE (Canoas - RS). Seus interesses de pesquisa são educação e ecologia, educação popular libertadora (Freire, Fiori, Mounier), educação do campo e movimentos sociais.  
E-mail: [balduinoandreola@yahoo.com.br](mailto:balduinoandreola@yahoo.com.br)

Merion Campos Bordas é professora aposentada da FACED/UFRGS, onde atuou desde a sua fundação até 2003. Atua como professora colaboradora junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. É Professora Emérita da UFRGS, onde foi Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Diretora da Faculdade de Educação e Pró-Reitora de Graduação. Seus interesses de pesquisa são teoria e prática pedagógica, currículo e avaliação institucional.  
E-mail: [merion.bordas@ufrgs.br](mailto:merion.bordas@ufrgs.br)

